



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 3, número 3, set-dez 2014

A PRODUÇÃO MÍTICA E JAGUNÇA DE “GRANDE SERTÃO: VEREDAS”



THE MYTHICAL AND ROUGHNECK PRODUCTION OF “GRANDE SERTÃO: VEREDAS”

GEÓRGIA CRISTIANE REIS FIGUEIREDO,
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, BRASIL

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 22/08/2014 • APROVADO EM 22/12/2014

Abstract

This article aims to analyze the mythical jagunça production and the work of João Guimarães Rosa, *Great Wilderness: Paths to understanding the use of narrative speaks with integrated hinterland in creating the language of your character Riobaldo, and all narration composed by jagunçagem, that allows you to track the socio-political components of the hinterland, but also a game of reflections, in which Riobaldo evaluates the past and his own life, and mythical thinking, focused on conflicts posed by natural phenomena, from elements found in speech the real swing, and thus aims to observe the space of narration in this struggle between good and evil, which is centered in the perplexities portrayed by the forces of nature, such as fear, tension and existential conflicts of backcountry subject. We also intend to present and discuss some ideas that can contribute to a better understanding of this rosiana language, through a*

research on the topic in books and internet articles. This product was built with intention to show a bit more about the language of the frontiersman found in the work of Rosa, which is based on man's natural hinterland speech, and also aiming to present a little about the life of the gunman, who often is known as bandit or thug. This analysis of the events of the hinterland article also shows backward and its landscapes described in the work of Guimarães Rosa. As theoretical authors were used: BEDRAN, Bia; Brito, José Domingos de; Emediato, Newton, Son; DO, Caroline; LEONEL, M. & C. SEGATTO, J. .; ROSA, João Guimarães; SOARES, Tatiana Alves. The primary focus of this work, the language of the backcountry man.



Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a produção mítica e jagunça na obra de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, para compreender o uso da narrativa com fala sertaneja integrada na criação do linguajar de seu personagem Riobaldo, e toda narração composta pela jagunçagem, que permite rastrear os componentes político-sociais do sertão, como também, um jogo de reflexões, nos quais Riobaldo avalia o passado e sua própria vida, e o pensamento mítico, centrado nos conflitos representados pelos fenômenos naturais, a partir de elementos encontrados na fala real do sertanejo, e assim, visa observar esse espaço da narração nessa luta entre o bem e o mal, que está centrada nas perplexidades retratadas pelas forças da natureza, como o medo, as tensões e os conflitos existenciais do sujeito sertanejo. Pretende-se também apresentar e discutir algumas ideias que podem contribuir para um melhor entendimento dessa linguagem rosiana, através de uma pesquisa sobre o tema, em livros e artigos de internet. Esse artigo foi construído com intuito de mostrar um pouco mais sobre a linguagem do sertanejo encontrada na obra de Rosa, que é baseada na fala natural do homem do sertão, e também com objetivo de apresentar um pouco sobre a vida do jagunço, que muitas vezes é conhecido como cangaceiro ou capanga. Este artigo também trás uma análise dos acontecimentos do sertão e mostra suas paisagens descritas na obra de Guimarães Rosa. Como referenciais teóricos foram utilizados os autores: BEDRAN, Bia; BRITO, José Domingos de; EMEDIATO, Newton, Filho; FARIA, Caroline; LEONEL, M. C. & SEGATTO, J. A.; ROSA, João Guimarães; SOARES, Tatiana Alves. Tendo como principal foco desse trabalho, o linguajar do homem sertanejo.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Myth, roughneck, Large Hinterland Paths.

PALAVRAS CHAVE: Mito, jagunço, Grande Sertão Veredas.

Texto integral

Introdução

O autor de *Grande Sertão: Veredas* demonstra em sua obra um profundo interesse pela natureza e pelo modo de viver e falar do sertanejo. Toda a obra é uma narração de momentos vivenciados no sertão. Nela também se pode observar

outro aspecto relevante, que é a luta entre Deus e o diabo, a eterna luta entre o bem e o mal e questionamentos profundos sobre a existência do diabo. A narração é toda em primeira pessoa. Riobaldo, fazendeiro do estado de Minas Gerais, conta sua vida de jagunço a um ouvinte não identificado. O sertão é o espaço onde se desenrola toda a história jagunça, são histórias de lutas, disputas, vinganças, longas viagens, paixões e mortes vistas e vividas pelo ex-jagunço.

A obra reserva, nas últimas páginas, uma surpreendente revelação: na hora de lavar o corpo de Diadorim, o jagunço Riobaldo acaba por perceber que o velho amigo de longas aventuras que sempre lhe cativou de uma forma especial era, na verdade, uma mulher.

O romance é uma das mais significativas obras da literatura brasileira. Obra esta, com uma dimensão de mais de 600 páginas e sem uma divisão de capítulos.

Esse presente trabalho está dividido entre as análises da vida jagunça, da relação Deus/diabo, dos supostos capítulos, e dos espaços do sertão citados na obra.

Ao fazer citação recuada será utilizada a sigla: G.S.V (Grande Sertão: Veredas).

O Sertão E A Vida Jagunça

A origem da palavra Sertão surgiu durante a colonização do Brasil pelos portugueses, que ao pisarem na região semiárida de clima quente e seco, logo a denominaram de *desertão*, que entendida como *de sertão*, foi depois reduzida a *sertão*. Em relação à denominação de “sertão nordestino” é dada às regiões interioranas do Nordeste brasileiro. A cultura sertaneja também está ligada ao clima do Sertão, como mostra o artigo de Faria (2008, s.n.p):

A cultura do sertão nordestino está intimamente ligada ao clima, como é fácil perceber, e à história de sua colonização (foi a primeira região interiorana do Brasil a ser colonizada). Devido à pressão das grandes plantações de cana-de-açúcar que se desenvolviam nas regiões mais úmidas, a criação de gado avançou pelo sertão e até hoje é uma das principais atividades da região e, embora incipiente se comparada às regiões centro-oeste e sul, caracteriza o modo ser do sertanejo nordestino.

E esse modo de ser do sertanejo, marcado pela simplicidade, de lida com o gado, de plantações, do artesanato, são alguns traços da cultura nordestina.

Passando para o termo *jagunço*, que é referente ao homem-cangaceiro, está ligado à figura do capanga, aquele indivíduo enfiado nas matas pelos interiores do Brasil, e que pela falta de compromissos com a sociedade o jagunço tornou-se presa fácil dos coronéis e governantes regionais para execução de crimes, ameaças, vinganças e desapropriações.

Em relação ao livro, Grande Sertão: Veredas, este contém uma narrativa memorialista, e uma linguagem regional. Toda a narrativa é entremeada por vários momentos de reflexão sobre as coisas e os acontecimentos do sertão.



Em várias partes da narração, Riobaldo descreve as paisagens do sertão, como se pode observar na seguinte citação:

Saiba o senhor, o de-Janeiro é de águas claras. E é rio cheio de bichos cágados... No alto, eram muitas flores, subitamente vermelha, de olho-de-boi e de outras trepadeiras, e as roxas, do mucunã... (G.S.V. P 104)

Ainda nesse aspecto de descrição de paisagens, mais a frente, na página 509 encontramos: *“Ou xique-xique espinharol, cobrejando com suas lagartonas, aquilo que, em chuvas, de flor dói em branco. Ou cacto preto, cacto azul, bicho Luiz-cacheiro...”*.

A narrativa em torno do sertão árido, às vezes revela algumas veredas, lugares que são agradáveis e surpreendentes. O que leva a crer que o sentimento de Riobaldo por Diadorim seja como as veredas que amenizam os problemas e a aridez do sertão.

Encontramos a mesma linguagem rosiana, e descrições do sertão na obra de Alexandre Barbosa da Silva, em Emediato (2009, s.n.p):

A imagística, no segundo momento, portanto, destes dois escritores – de estirpe sertaneja – registrada em suas observações participantes no universo rural, proporcionou a confecção da linguagem na qual não podiam ser divergentes. Pressupõe-se, assim, entre eles o extremo da inspiração de que subitamente só se espera a magnitude, a ressonância, o máximo, a convergência ao esboçarem em linguagem única o ambiente sertanejo. Comentários de Guimarães Rosa sobre o livro de Alexandre Barbosa da Silva: O que melhor me alegra e entusiasma, todavia, aqui páginas afora, é a repetida presença dos “gerais” belíssimos da minha terra, com a suas “veredas” específicas. Esses “gerais”, que arrancham infundável paisagem, feitos de campos e areões e o agreste das chapadas, sempre o chão de arenito. Lá e além, um alagado, pai de rio às vezes, marcado pelos buritis. Beirando os rios, e entre os rios e as chapadas verde velho, vai dupla faixa atapetada, capim de um verde infantil.

Podemos observar que existe uma linguagem bastante parecida existente nas obras dos dois escritores, que também eram amigos, e ambos descrevem as paisagens sertanejas, os buritis, os rios, etc..



Nas viagens pelo sertão, além de descrever os caminhos percorridos, ele sempre fala de como é a vida de jagunço, das dificuldades, dos pensamentos, das estradas etc., como por exemplo, na página 540: *“Sumimos de lá. Em cinco léguas, vi o barro se secar. O caminho revaçava. Mas concedi que a viagem viesse à branda, serenada”*.

Nas longas tramas e aventuras dos jagunços, Riobaldo conhece um dos seus heróis: o chefe Joca Ramiro, verdadeiro mito entre aqueles homens, que logo começa a mostrar certa confiança por ele. Isso dura pouco tempo, já que Riobaldo logo perde seu líder, que acaba sendo traído e assassinado por um dos seus companheiros, o chamado Hermógenes. Riobaldo jura vingança e persegue Hermógenes e seus homens por toda aquela árida região.

De acordo com Leonel e Segatto, (2006, s.n.p), o autor inventa uma realidade mais ampla nomeada de sistema jagunço:

O universo do grande sertão de Guimarães Rosa expressa um complexo de elementos fundamentais que vigem nas relações humanas e sociais do país e as perpassam historicamente. Embora seu objeto de representação seja um espaço/ambiente determinado, o do sertão, o autor (re) cria ou inventa uma realidade mais ampla, rica em significados sociais, políticos, culturais, que ele nomeia “sistema-jagunço”.

Ainda em Leonel e Segatto, (2006), na obra de Rosa existe a ideia da atitude de justiça nas práticas dos jagunços:

Na narrativa rosiana, todavia, é também visível a idealização da jagunçagem, fixada, sobretudo, na ideia de uma vida de maior liberdade; mas esse aspecto não diminui o alto grau de violência — revelado em inúmeros momentos do romance — que o jagunço pratica em nome da justiça, da vingança contra os que desnorream o sertão, o que proclama a nobreza dessa atitude...

Na narração fica claro, que Riobaldo vivia como jagunço, mas por muitas vezes demonstrava que não gostava do que fazia. Ele não queria matar as pessoas, como é demonstrado pela fala do personagem:

Eu tinha receio de que me achassem de coração mole, soubessem que eu não era feito para aquela influição, que tinha pena de toda cria de Jesus. (G.S.V p 170)

Ainda sobre esse questionamento, mais a frente, o personagem também fala que aguentava tudo, a vida jagunça, por causa da amizade dos companheiros jagunços:



Assim, também, por que se aguentava aquilo, era por causa da boa camaradagem, e dessa movimentação sempre. Com todos, quase todos, eu bem combinava, não tive questões. Gente certa... (G.S.V p 318/320).

Ainda relacionada à narrativa jagunça, Riobaldo fala dos dois bandos que permaneciam sempre se caçando entre os gerais:

Nossos dois bandos viajavam em guerra e contraguerra, e desenrolando caminhos, Por esses Gerais, cães, se caçando. (G.S.V. p 505).

Também aparece muito na narrativa, a atitude de coragem dos chefes dos jagunços, que sempre tinham que demonstrarem-se valentes:

Que comandar é só assim: ficar quieto e ter mais coragem. Mais coragem que todos"... "Mas, bem: que, aluir dali, eu não aluía. Morresse- tive preguiça de pensar- mas, morresse, então morria três-em-pé, de valente: como o homem maior valente no mundo todo, e na hora mais alta de sua maior valentia!. (G.S.V. p 555).

Também em relação à vida jagunça, Riobaldo conta que nas andanças pelo sertão, sempre ficava uns de tocaia. Numa distancia de seis léguas, ficava sempre um homem a cada meia-légua de vigia, para em caso serem capazes de trás passar o recado com rapidez de guerra. E na narração ele fala: "*Alegria do jagunço é o movimento galopado*" (p 563), ou seja, percorrer os sertões em cima do cavalo.

Pode-se observar também, que Riobaldo era bem tratado por onde passava e prezado por ser homem de bem, corajoso, e porque tinha vindo pra acabar com o bando da jagunçagem que agia com crueldade, e ao descrever a morte do Ricardão, ele fala da justiça feita, do alívio de se livrar da sua presença:

O Ricardão arriou os braços, deu o meio do corpo, em bala varado. Como no cair, jogou uma sua perna para lá e para lá. Como caiu, se deitou. Se deitou conforme quase não estivesse sabendo que morria; mas nós estávamos vendo que ele já morto já estava. Acho deveras que todo o mundo respirou com suspiro. (G.S.V. p 558).

Era prezado também, por derrubar o Hermógenes, que era considerado o "coisa ruim" do sertão. Como ele fala quase no fim da narrativa:

Mas o que mormente me fortaleceu, foi o repetido saber que eles pelo sincero me prezavam, como talentoso homem-de-bem, e

louvavam meus feitos: eu tivesse vindo, corajoso, para derrubar o Hermógenes e limpar estes Gerais da jagunçagem. (G.S.V. p 602).



A obra rosiana é cheia de enunciados reflexivos em poucas palavras, como podemos observar nos aforismos relacionados ao sertão, a Deus etc.: “Viver é muito perigoso”; “Deus é paciência”; “sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”; “Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver”; “Vingar, digo ao senhor: é lamber, frio, o que o outro cozinhou quente demais”, entre muitos outros existentes no enredo.

A Linguagem Sertaneja

Na obra de Rosa, sempre é focado o linguajar sertanejo, como por exemplo, na página 219: “*Fofo faço, e em prazo, siô Baldo acabar para uma vez com essa cambada canalha de jagunço!*”.

O espaço geral da obra é o sertão, e os nomes citados podem causar estranheza e confundir os leitores.

De acordo com Soares (s.d), o autor realiza uma recriação da linguagem sertaneja:

Guimarães Rosa, escritor mineiro celebrizado pela peculiaridade de sua linguagem, apresenta ao leitor um desafio: dotado de um estilo único, povoado por construções insólitas, o autor de *Grande Sertão: Veredas* realiza uma verdadeira recriação da linguagem, redimensionando o léxico e ultrapassando os limites do mero regionalismo. A linguagem rosiana é a um só tempo regional e universal, presente e atemporal, popular e erudita... (s.n.p)

Existe uma recriação da linguagem, reformando-a inventivamente, saindo do aspecto comum da linguagem, a fim de dar maior grandeza ao discurso. Por exemplo: “*Nu da cintura para os queixos*” (ao invés de nu da cintura para cima).

A fala do sertanejo do mundo rosiano é baseada em elementos tirados da fala real do homem do sertão. Podemos observar em Bedran (2012, p 73) em seu estudo sobre narrativas orais, no qual a autora aborda a importância da palavra contada, multiplicadora de possibilidades criativas, aonde ela faz uma comparação entre a narrativa sertaneja inventada, da obra de Guimarães, e uma narrativa de um personagem real, o sertanejo Chico leiteiro (cearense, profeta da chuva):

Estariam esses narradores de acordo com os paradigmas de Walter Benjamin, que extraem o que narram de sua própria experiência, fundada na tradição, capaz de penetrar na memória coletiva da

comunidade? Talvez possamos cotejar a narrativa de Chico Leiteiro, personagem real de seu texto, com a do Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*. São narrações similares absolutamente impregnadas de uma fala sertaneja que nos faz ver todo o cenário descrito com uma construção poética singular...



Ainda em Bedran, encontramos a questão da semelhança de falas, na comparação da narrativa natural do personagem real, própria de sertanejo, com a do personagem fictício de Guimarães, que é encontrada nos elementos da fala do homem do sertão, como é visto na página 75:

Durante anos de pesquisa, Guimarães Rosa buscou encontrar nos elementos da fala dos homens do sertão aqueles essenciais que o autor integraria na criação do linguajar de seu personagem Riobaldo...

Essas comparações nos fazem entender um pouco mais sobre a linguagem bastante complexa de Guimarães, que de certa forma leva a intrincar o leitor, principalmente aqueles que não conhecem a fala sertaneja.

Falando ainda a respeito da linguagem Rosiana, o professor alemão Berthold Zilly comenta em entrevista para revista *Língua Portuguesa*, que aproveitou sua temporada no Brasil para preparar uma nova versão de *Grande Sertão: Veredas*, para seu idioma materno. Na entrevista, em Rossi (2013, p 13), o professor fala que Rosa usa uma linguagem translingual:

...Rosa era um escritor intuitivo, tinha relação mística com a linguagem e, ao mesmo tempo, era racional, analítico. Tinha uma noção clara do caráter e das propriedades de seu estilo: um novo regionalismo. Palavras compostas de elementos regionais, arcaicos ou estrangeiros (ele era muito mineiro, muito brasileiro, mas transnacional e translingual também).

Ainda em Rossi (2013, p 13), Berthold Zilly explica o porquê do uso do termo translingual:

Guimarães Rosa fez uma espécie de mestiçagem linguística, extraiu elementos de várias línguas, até do alemão. Sua preocupação era devolver às palavras e aos sintagmas a beleza, sugestividade, magia, toda riqueza de significados. O que aproxima dos românticos, para quem as palavras e os sintagmas, frases não são só signos de uma realidade *sui generis*. Rosa queria um estilo que tivesse a máxima distancia da linguagem de todos os dias, da língua-padrão, da linguagem de outros escritores. Foi uma preocupação que tornou o estilo dele acesso difícil, enigmático.

Essa recriação da linguagem, e os nomes citados na obra de Rosa podem causar estranheza e confundir os leitores. Isso por conta dessa mestiçagem linguística, como se pode observar na citação do professor Berthold Zilly.



Deus E O Diabo (Eterna Luta Entre O Bem E O Mal)

O lado mítico da obra gira em torno da eterna luta entre o bem e o mal.

Denomina-se mito, a narrativa utilizada para explicar fatos da realidade e fenômenos da natureza. Os mitos se utilizam de muita simbologia e personagens sobrenaturais. Todos estes componentes são misturados a fatos reais.

O assunto da obra de Rosa parece sempre girar em torno da existência ou inexistência do diabo, já que Riobaldo se questiona sempre de ter vendido ou não, sua alma, porém, o fato de que em muitos momentos isso venha a parecer evidente, a existência ou não do pacto fica por conta da interpretação do leitor.

Essa dúvida toma cada vez mais conta da alma de Riobaldo, e evidencia-se um pacto entre o jagunço e o príncipe das trevas, apesar de não explícito. Existe sempre um questionamento sobre a fé, e são muitos os trechos em que aparece essa dúvida, como podemos observar nos trechos a seguir:

Pecados, vagância de pecados. Mas, a gente estava com Deus? Jagunço podia? Jagunço- criatura paga para crimes, impondo o sofrer no quieto arruado dos outros, matando e roupihando... Que podia? A gente, nós, assim jagunços, se estava em permissão de fé para esperar de Deus perdão de proteção?. (G.S.V. p 220/221).

Em certo momento, Riobaldo também faz um comentário sobre o possível pacto do Hermógenes, como se este fosse protegido pelo “coisa-má”:

O Lacrau me confirmou- o Hermógenes era positivo pactário. Desde todo o tempo, se tinha sabido daquilo... E veja, por que sinais se conhecia em favor dele a arte do Coisa-Má, com tamanha proteção?. (G.S.V. p 408).

Num dado momento, Riobaldo grita pelo coisa-ruim na tentativa de obter uma possível resposta para tirar a dúvida se o diabo existia ou não:

-Ei, Lúcifer! sataná, dos meus infernos! Voz minha se estragasse, em mim tudo era cordas e cobras. E foi aí. Foi. Ele não existe, e não apareceu nem respondeu- que falso imaginada. Mas eu supri que ele tinha me ouvido. (G.S.V. p 422)

E na página 471, Riobaldo mais uma vez na dúvida sobre a existência do ‘coisa ruim’, pensa: *“Tento, cautela, toma tento, Riobaldo: que o diabo fincou pé de*

governar tua decisão!”... E mais na frente ele pensa: “o demo então era eu mesmo? Desordenei quase, de minhas ideias”.



E depois de resistir aos maus pensamentos, e passar por esse confronto de ideias, ele coloca Deus e Nossa Senhora como consolo para suas dúvidas existenciais:

Pois em instantâneo eu achei a doçura de Deus: eu clamei pela virgem... Agarrei tudo em recursos- mas sabendo de minha Nossa Senhora! O perfume do nome da Virgem perdura muito; às vezes dá saldos para uma vida inteira (...).

Na última página ele volta a falar novamente do pacto: “- O senhor acha que a minha alma eu vendi, pactário?!”... E encerra a narração dizendo: “O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia”. (G.S.V. p 607).

Voltando um pouco a narração, acontecido ou não o tal pacto, o fato é que Riobaldo começa a mudar à medida que o combate final contra Hermógenes se aproxima. Segue-se, então, o encontro com Hermógenes e seus homens, e a vingança é enfim saboreada por Riobaldo. Vingança, aliás, que se tornou amarga: Hermógenes mata, durante o combate, o grande amigo Diadorim.

O que fica evidente, é que em toda a obra permanece sempre um mistério cósmico.

Criando Uma Suposta Divisão Dos Capítulos

Por não conter capítulos, a obra pode ser dividida por alguns fatos marcantes do enredo, para facilitar a leitura, como são colocados a seguir:

A primeira parte da obra seria a introdução dos principais temas do romance, como o sertão, o sistema jagunço, Deus e o diabo, e Diadorim. A segunda parte começaria quando a narrativa retorna à lembrança da juventude de Riobaldo, quando ele conheceu o “menino Reinaldo”, e ambos atravessam o rio São Francisco numa pequena embarcação. Mais tarde, Reinaldo passa a ser o companheiro que mais lhe agradava. A terceira parte logo após o “conflito” entre Riobaldo e Zé Bebelo, no qual esse último perde a chefia, e Riobaldo é rebatizado como “Urutu Branco”. Já a quarta parte da obra, poderíamos dizer que seria com o desfecho dos acontecimentos relatados. Riobaldo retoma o fio da narração do início, contando ao interlocutor seu casamento com Otacília e como herdou as fazendas do padrinho.

Espaços Do Sertão Citados Na Obra

Podem ser listados alguns espaços da narrativa em que importantes ações do enredo se desenvolvem, como por exemplo, o *Liso do Sussuarão*, local da

tentativa frustrada de travessia do bando de Medeiro Vaz e conseqüente retirada. Um dos momentos de sua descrição é na Página 505: “*Adiante da gente, o mangabeiral. Depois, o raso. Aí o Liso do Sussuarão- em fundo e largo, as cinquenta léguas e as quase trinta léguas, das mais*”.

Outro espaço é o próprio local da narração, a fazenda de Riobaldo, localizada na beira do rio São Francisco. E também o *Chapadão do Urucúia*, local da travessia do rio São Francisco, onde Riobaldo e Reinaldo (Diadorim) se conhecem.

Um espaço bem focado na narração é o chamado, *Veredas Mortas*, local do possível pacto de Riobaldo, aonde Riobaldo diz:

(...) “que era por minha sina o lugar demarcado, começo de um grande penar em grandes pecados terríveis. Ali eu não devia nunca de me ter vindo; lá eu não devia ter ficado... O senhor guarde bem. No meio do cerrado, ah, no meio do cerrado, para a gente dividir, por uma ou por outra, se via uma encruzilhada. Agouro? Eu creio no temor de certos pontos. Tem, onde o senhor encosta a palma da mão em terra, e sua mão treme pra trás ou é a terra que treme se abaixando”. (G.S.V. p 401)

E ainda mais a frente, novamente Riobaldo fala do pacto nas Veredas Mortas, mas fica sempre com a dúvida se foi ou não feito:

“A saúde da gente entra no perigo daquilo, feito num calor, num frio. Eu, então? Ao que fui, na encruzilhada, à meia-noite, nas Veredas Mortais. Atravessei meus fantasmas? Assim pensei, esse sistema, assim eu menos penso. O que era para haver, se houvesse, mas que não houve: esse negócio. Se pois o Cujo nem me apareceu, quando esperei, chamei por ele? Vendi minha alma algum? Vendi minha alma a quem não existe? (...)”. (G.S.V. p 483)

E por último o chamado *Paredão*, espaço da batalha final, onde o Hermógenes e Diadorim morrem, e termina a guerra.

CONCLUSÃO

O que a obra nos mostra, é que aparentemente, o jagunço não é tido no sertão como um criminoso. O que existe realmente são as noções de honra e de vingança, bem como o a marca de sua atuação, estão emaranhadamente ligadas à sua figura. O jagunço na obra é apresentado como um soldado numa guerra.

Da linguagem rosiana brotam espaços existenciais em torno de uma divindade; um mundo mítico. Brotam assim, os medos, as descobertas, o bem e o mal, as tensões entre o sujeito sertanejo e o sertão, entre o sertão e o mundo, entre o mundo e a linguagem.

A narração composta pela jagunçagem, que permite rastrear os componentes político-sociais do sertão, como também, um jogo de reflexões, nos

quais Riobaldo avalia o passado e sua própria vida, e o pensamento mítico, centrado nos conflitos representados pelas forças da natureza.

Em suma, podemos dizer que o regionalismo adquire nova dimensão com a produção fantástica de Guimarães Rosa e sua recriação dos costumes e da fala sertaneja, penetrando fundo na psicologia do jagunço do Brasil central. Também se pode dizer, que Riobaldo, o narrador personagem da obra, atravessa o sertão duas vezes: a primeira vez na vivência, depois relembrando tudo o que viveu, e o “grande sertão”, pode representar o deserto que existe no humano em busca da sua verdade que é sempre árida e grande. Depois que se atravessa a aridez, chega-se as veredas, talvez outros caminhos. Como é encontrado na própria narração, no seguinte aforismo: *Sertão é dentro da gente*.

Referências

- BEDRAN, Bia. **A Arte de Cantar e Contar Histórias - Narrativas Oraís e Processos Criativos** – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BRITO, José Domingos de. **Linguagem Oculta de Guimarães Rosa**. Site: Tiro de Letra. Disponível em: <<http://www.tirodeletra.com.br/ensaios/LinguagemocultadeGuimaraesRosa.htm>> Acesso em 08/12/12.
- EMEDIATO, Newton, Filho. **Minudências no mundo roseano: Alexandre Barbosa da Silva manda lembranças**. 2009. Disponível em: <<http://worldartfriends.com/pt/club/prosa/minud%C3%A2ncias-no-mundo-roseano-alexandre-barbosa-da-silva-manda-lembran%C3%A7as>> Acesso em 29/11/12.
- FARIA, Caroline. **Sertão Nordestino**, 2008. Disponível em: < <http://www.infoescola.com/geografia/sertao-nordestino> > Acesso em 01/03/13.
- LEONEL, M. C. & SEGATTO, J. A. **Política e violência no sertão rosiano**. 2006. Disponível em: <<http://www.acesa.com/gramsci/?id=411&page=visualizar>> Acesso em 30/11/12
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. (Biblioteca de Estudante)
- ROSSI, Vera Helena Saad: **O Tradutor do Sertão**. IN: Revista Língua Portuguesa. Editora Segmento. Edição número 88, ano 8. Pp 10-13. Fevereiro de 2013.
- SOARES, Tatiana Alves. **O desenredo linguístico de Guimarães Rosa**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/anais/anais%20III%20CNLF%2024.html>> Acesso em: 07/12/12.

Para citar este artigo

FIGUEIREDO, Geórgia Cristiana Reias. A Produção Mítica E Jagunça De “Grande Sertão: Veredas”. **Miguillim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3., n. 3, SET.-DEZ. 2014, p. 80-92.

A Autora

Geórgia Cristiane Reis Figueiredo é aluna da Pós-Graduação do Departamento de Línguas e Literaturas-URCA.